

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.165

Quarta-feira, 13 de Setembro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Café do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Taltaba-Lisboa 5339-0

Officina de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

## UMA ABERRAÇÃO

## MANICÓMIO! MANICÓMIO!

Recomenda-se o sr. Ferreira de Sousa  
ao dr. Sobral Cid, director do Manicómio  
Bombarda

O sr. Ferreira de Sousa, do triste memória e não menos triste figura, voltou mais uma vez a exteriorizar o seu ódio vago contra o operariado, o seu ódio de aleijado de espírito, o seu ódio caricato que um corpo de impotente alburgo. Os leitores não conhecem de certo, pessoalmente, como nós conhecemos o sr. Ferreira de Sousa. É um baixeiro, curto de vista, que não ousa fitar-nos de frente quando fala conosco, uma miséria moral abrigada numa miséria física. Um coarado que por uma vez os termos mimoseado daqui com quatro frases mais duras — o bem as merecia — não soube onde meter-se, passou, ao que parece, alguns dias no W. C. e, por fim, veio afluente declarar na imprensa que o queríamos lançar às feras, a ele, coitado, e que nos responsabilizassem pela sua morte. Po bre diabo, atribuiu-se a si próprio corpo, espírito e categoria para ser alvo dum atentado!

O sr. Ferreira de Sousa não é bem um caso social, é um caso patológico — entra mesmo nos domínios da psiquiatria. O operariado nada tem que ver com a sua doença, a sua irritante neurastenia que a tolerância das instituições permitiu que escolhesse o tribunal de defesa social para campo de operações. O operariado — e nisso mostra consideração extrema pelo enfermo — apenas pode recomendá-lo ao dr. Sobral Cid, actual director do Manicómio Bombarda.

O sr. Ferreira de Sousa é maníaco, sofre duma mania horrível que o tortura, que o obriga a tomar na vida as mais disparatadas atitudes. Segundo consta, fez-se advogado da Confederação Patronal para prestar serviços a uma instituição odiosa, antipática a operários e a burgueses; para dizer aos amigos: «Vejam como eu sou um homem teso, que não temo os operários, que arrisco a minha cabeça!» Como se aquela cabeça louca valesse alguma coisa!

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**As subvenções...** A questão das subvenções ao funcionalismo civil e militar tornou-se já uma trágica comédia em muitos actos e que parece não ficar ainda por aqui, por isso que, cada dia que passa, nos apresenta cenas novas, algumas por sinal bem originais. Não é segredo para ninguém que o aceleramento na discussão das subvenções se deve à pressão de elementos categorizados do militarismo e que o parlamento, omnipotente cedeu sem lutar nem fugir. Arreiros, os pais da pátria, com mais ou menos habilidade, tem vindo arrastando o caso, até que nova impugnação surgiu e como o trunfo é espadas o que imagina o leitor que foi resolvido? A solução mais ingénua que se achou consiste simplesmente em dar desde já ao exército a regalia de, por meio de vales, ser cobrada pelos vários Conselhos Administrativos dos Regimentos, a diferença a receber com as novas subvenções, enquanto a lei não for aprovada no Congresso. É inaudito! Enquanto isto se passa, o funcionalismo civil entretem-se no parque Mayer, a namorar as galinhas e os patos que ornar as tómbolas das casas de assistência.

**Manuel Ribeiro** Casualmente estivemos ontem com o camarada Manuel Ribeiro, com quem conversámos — era inevitável — acerca da sua polémica com Mário Domingues. Pediu-nos Manuel Ribeiro para em A Batalha explicarmos aos nossos leitores que as frases patrióticas acerca do livro Brianda não são da sua autoria, mas um simples réclame que no ABC foi por lapso imiscuido nas apreciações literárias que habitualmente faz.

**Azeite e vinagre...** Os nossos velhos amigos socialistas de Estado aparecem — quando todos os julgam dormindo um sono descansado — com umas ideias bizarras, que nem ao demónio lembrariam. Agora andam a falar com entusiasmo, como se duma maravilha se tratasse, dum congresso das esquerdas sociais, onde se encontrariam republicanos radicais, socialistas, sindicalistas, anarquistas e comunistas, a fim de discutir problemas transcendentais. Mas que mania aquela de querer a viva força misturar azeite com vinagre!

## UMA TORPE INSINUAÇÃO

A CAPITAL, espèculando com as apreciações feitas às obras de Manuel Ribeiro, insinua que queremos recomendar esse camarada à "Legião Vermelha"

## RESPONDE-SE À LETRA

Toda a gente que me conhece com mais ou menos intimidade me atribua uma paciência extraordinária, uma tolerância que muitos classificam de excessiva. Nunca praguei o ódio, nunca concordei com a morte violenta; mesmo a morte natural que sobrevém por fatalidade ditada pela Natureza me revolta. O meu espírito sedento de liberdade nunca suportou, nem suporta qualquer imposição. Por isso eu combato a morte pela violência filha da imposição dos homens; por isso me revoltou e lamento a minha impotência que não pode evitar a morte natural, filha da imposição da Natureza.

Professo princípios anarquistas, reitadamente anarquistas, conscio de que o anarquismo — ao contrário do que muita gente supõe — condenando a Morte, é uma exaltação sublime da Vida superior, da Vida vivida em plena liberdade. Este princípio, que me deu razão de viver depois de adulto, defendido em todos os transe, perante todos os perigos, arrostando com todas as tempestades! Por esta noção encantadora da Vida, por esta convicção — sou capaz de oferecer a minha própria vida.

Sou imperfeito como todos os homens; sou falível, sou frágil, sou um nada; um grão insignificante, pó, sombra minúscula e leve neste Universo cujo sentido deixo apreender; mas sinto no meu íntimo um desejo indomável, forte, mais forte do que eu próprio, de me aperfeiçoar constantemente, de me corrigir, de me tornar mentalmente belo, perfeito como esse Universo infinito onde as coisas se desenvolvem e evoluem para o melhor. Quando adivinho em mim uma imperfeição, tento eliminá-la; quando me julgo objecto, purifico-me — por que desejo viver em harmonia com os princípios que me penetraram, que me guiam, que me conduzem através da Vida.

Sinto que para atingir um grau mais alto de perfeição é preciso que tudo o que me rodeia seja mais belo. Por isso combato o erro onde julgo encontrá-lo. Combato os homens objectos, tento iluminar a razão daqueles que inconscientemente se julgam em erro — mas os meus combates nunca revestem o alio odioso que em vez de criar bondade cria ódio. Eu sei que o ódio nada mais pode criar do que o ódio — um princípio de morte.

Eu sou pelo amor contra o ódio; pela Vida contra a morte.

Mário DOMINGUES

## AINDA UMA VEZ...

## No Forte de Monsanto

Os casos revoltantes que A Batalha brutalmente arrancou das trevas opacas daquela Bastilha sinistra para os expor em toda a sua nudez aos olhos atentos dos seus leitores, são um palídeo reflexo das patifarias sem nome que naquela cadeia se praticam, e das quais é o maior responsável o sr. França Júnior, director das cadeias civis de Lisboa.

Tudo o que A Batalha publicou acerca do enfermeiro Alegria é a completa expressão da verdade. Este enfermeiro vende as dietas destinadas aos doentes, e curativos, de facto, só os faz a quem lhe chamar António, que é como quem diz: *puchar os cordões à bolsa*.

Além disso é um fulano demasiadamente arrogante, muito ciioso da sua autoridade, e muito amigo de vexar os reclusos sempre que para isso encontra ensejo. Pode-se afirmar sem receio de desmentido, que a morte de vários reclusos se deve única e simplesmente ao seu desleixo criminoso, e também talvez, à sua pouca competência profissional.

Mas este caso é apenas uma particularidade dos muitos crimes que ali se praticam.

O rancho que os presos são obrigados a ingerir é uma verdadeira porcaria e a sua má qualidade se deve muitas doenças, e quem sabe se alguns casos fatais. O preso, porém, não se pode queixar, porque lá está o segredo à espera dos recalcitrantes. E por muito feliz se pode dar se não apunhar por sobrezebra alguma saracota de cavalo marinho, que o obriga a recolher à enfermaria com algumas costelas fracturadas.

Devo referir que o chefe actualmente dos guardas do forte de Monsanto, me declarou há tempos, sob a palavra de honra, que esta espécie de comida havia sido por ele completamente abolida, e enquanto ele fosse chefe, nunca mais consentiria que se batesse num preso.

Se esta sua promessa foi cumprida ignoro-o. Por este motivo reservo-me quanto a este ponto.

Mas acredito que a carta do enfermeiro Alegria tenha uns certos visos de verdade, quando afirma que alguns presos o guerriam por uma mera questão de barriga. E que nestas questões aparece sempre alguém a querer tirar partido do resultado final. Mas

## ARRE, ASSASSINOS!

Os discípulos de Zeferino da Silva, o assassino de Guilherme  
— Lima, continuam a obra encetada pelo mestre —

## As esquadas de polícia antros de tortura e dor

querem trabalhar e ser úteis à humanidade.

O que mais fundo mostrava os traços do sofrimento era José de Almeida Figueiredo que nos descreveu as infâmias cometidas pelos esbirros fardados que o prenderam.

O camarada foi maltratado em alguma das prisões porque transitou? — perguntámos nós.

Em todas — respondeu a custo — sofri os maiores suplícios... Queriam a todo o transe arrancar-me a confissão dum crime que não cometi.

Como se deu a sua prisão? — Não sei bem. Dirigi-me ao acaso acompanhado por uma mulher qualquer dessas que a sociedade prostitui, negando-lhe o direito ao lar... à família...

Ao chegar próximo da estação do Cais do Sodré ouviu-se uma detonação seguida de gritos e correrias... Instintivamente larguei também a correr, sem saber porque nem para quê.

De repente lá atingi por uma forte coronhada que me deixou completamente atordoado. A esta coronhada seguiram-se muitas mais que me atingiram o peito, as costas, a cabeça... enfim todas as partes do corpo tenho contundidas pelas pancadas que as feras me vibraram.

Mas como explica a fúria desses canibais? — Não sei dizer-lho. Para ver o interesse que esses esbirros tinham em arrastar vítimas, basta frizar-lhe que a citada mulher que me acompanhava não se fartava de dizer que eu não era o culpado, que eu ia passando, alheio a que se passava.

E não assim o largaram? — De nada me valeram as suas palavras. A agressão continuou sempre, feroz, brutal.

E depois? — E depois?

Depois transil por várias esquadrões onde fui sempre acolhido com as mais bárbaras agressões. Os ladrões mataram-me... Sinto-me rebentado por dentro.

Mordemos os lábios para sufocar o grito de indignada revolta que nos subia do peito.

Depois dum momento de silêncio em que este mártir se apoiou às grades do túmulo onde o lançaram perguntámos: — Mas eles dizem que você é criminoso e que há testemunhas visuais do atentado que dizem conheço-lo...

Um sorriso amargo perpassou pelos lábios do desgraçado.

Testemunhas visuais! V. sabe, melhor do que eu, como elas se arranjaram... um copo de vinho... uns poucos de escudos... uns galões ou um lugarzinho... enfim, tudo serve para comprar consciências... É necessário arranjar criminosos e, portanto, lancam mão daqueles que mais próximo lhes ficam...

O camarada diz não conhecer o "Avante"? — Disse unicamente a verdade... Pessoalmente não o conheço... O seu nome já o tinha ouvido citar muitas vezes.

Nesta altura uma golfada de sangue veio tingir os descorados lábios daquela vítima da reacção de barrete frígido. Empalidecidos...

A prova irrefutável dos maus tratos infligidos pelos mantenedores da ordem estava ali bem patente.

Não tivemos forças para continuar naquele antro assassino e, após um rápido apêto de mão, afastámo-nos revoltados contra tanta infâmia e comovidos ao ponto de esquecermos os outros dois acusados que como aquele terem sofrido as fúrias dos canibais de farda.

Fernando B. VASCONCELOS

## A república e o sabre

Efectivos numéricos da guarda municipal, no tempo da monarquia: 2170 homens.

Efectivos da guarda republicana, organizada em 1911, 5.000 homens.

Reorganização da mesma guarda em 1919: 20.000 homens.

Como se vê a república aumentou 10 vezes o efectivo da força destinada a carregar e fustigar o povo. Se se fizesse uma estatística comparativa das vidas que ela custou ao povo no regime que passou e naquele em que vivemos ela mostraria os perigos que para os que trabalham representa a loucura militarista duma república onde as respostas às reclamações populares saem, tantas vezes, fumegantes, dos canos das espingardas.

Verdade seja que se o regresso à monarquia fosse possível, a militarite não afrouxava...

## U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúniu esta comissão que apreciou diverso expediente resolvendo continuar hoje, conjuntamente com os delegados ao Congresso, na apreciação de trabalhos encetados.

Conselho de Delegados

Reúne amanhã pelas 21 horas, tendo-se enviado circulares aos sindicatos de cujos delegados tem faltado às reuniões do conselho.

Operários do Município

A comissão de melhoramentos dos operários do Município de Lisboa, entregou ontem nos Paços do Conselho ao vereador Cesar dos Santos uma nova representação em que sollicitam melhoria de situação económica, visto receberem salários deveras insignificantes.

O sr. Cesar dos Santos prometeu fazer entrega da representação ao sr. presidente da Câmara.

Instrução

Efectuaram-se os seguintes despachos de instrução: provendo temporariamente, Maria do Regate Ribeiro, na escola de Cidades, conselho de Proença-a-Nova; Maria Carolina Machado, na de Rebordosa, freguesia de Lórvão, Penacova; e Angelina do Rosário Gonçalves, na de Barrio, freguesia dos Vinhos, por desistência de Maria de Jesus Carvalho.

Manu-José Pereira, dono de um estabelecimento de vinhos, que se encontra junto do Forte de Monsanto, o dinheiro que estava na gaveta do balcão.

Enquanto o nosso acusado estiver preso, embora a sua prisão venha apenas confirmar tudo o que de mau a seu respeito se tem dito, não achamos de certo atacá-lo. Por isso, cessem por enquanto todos os ataques.

## ASSUNTOS DE ORGANIZAÇÃO

Considerações gerais sobre a necessidade da constituição da Federação da

Indústria de Conservas

Num momento em que mais se discute a necessidade do alargamento e remodelação profunda na vida orgânica do sindicalismo português, falseáramos a nossa missão, se não apresentássemos as nossas considerações de forma a contribuir para que o operariado da indústria de conservas abandone o seu criminoso comodismo, mercê de vários factores que descreveremos em sucessivos artigos.

Até à data ainda não houve um único camarada — que não fosse eu — pertencente à indústria — que se manifestasse de forma a impulsionar a organização da indústria de conservas para a vanguarda do movimento proletário português.

Este facto por si só é sintomático e denota claramente o desleixo e o comodismo que reina entre esta numerosa classe.

Pois que? Ignorância os militantes da mesma o momento excepcional que ora decorre para as classes trabalhadoras se organizarem convenientemente?

Não sentirão o domínio tirânico dos nossos eternos verdugos?

Uma conclusão poderemos tirar da sua atitude: ou na organização da indústria de conservas não existem militantes, ou se existem reside nêles uma tal dose de egoísmo e de desoulação que coisa alguma os deixa ver.

Seja como for é necessário que alguém se manifeste.

E nesse caso seremos nós, uma vez que outros mais aptos ainda não apareceram a elevar a voz em defesa duma numerosa classe tam explorada e vilipendiada e sobretudo julgada a um criminoso comodismo, que deveras revoltada a todos que acima de tudo põem a felicidade e o bem estar da Humanidade.

O desenvolvimento, por assim dizer, da indústria de conservas em Portugal, data de 1914, comêça da guerra.

Nessa data já existiam alguns sindicatos denominados Soldadores, Trabalhadores e elemento feminino.

O espírito verdadeiramente sindicalista não existia.

Mercê da sua acção e orientação reitadamente conservadora andavam afastados completamente das normas sindicais, fugindo aos mais rudimentares deveres da solidariedade.

Tinham-se como organismos que se bastavam a si próprios.

Nas suas lutas com o patronato da indústria desconheciam a forma de agir e por vezes pactuavam com o mesmo.

Devido ao seu divisionismo ao declararem-se, por exemplo, um movimento do pessoal soldador, o pessoal trabalhador que tinha o seu sindicato aparte, ficava trabalhando; e então o patronato aproveitava este facto para estabelecer a tirania entre os mesmos, obrigando-os à tração.

Por muito tempo se manteve esta situação.

Mas acompanhando o desenvolvimento da indústria crescia a exploração e consequentemente a ância ardente de uma melhor organização por parte dos trabalhadores.

Reúne esta comissão na próxima quinta-feira das 21 às 23 horas a fim de distribuir livretes de auxilio aos camaradas presos por questões sociais.

Trabalhadores: A NOVA VERMELHA

Lêda e divalga

1155



# O SINDICALISMO EM MARCHA

## 1.º Congresso da C. G. T. Unitária

realizado em Saint-Etienne de 26 de Junho a 1 de Julho

Mas nós não podemos exigir da Internacional Sindical Vermelha a modificação dos seus estatutos antes de entrar lá; do mesmo modo que um sindicato não pode exigir, antes de entrar na C. G. T., a modificação dos estatutos, sob o ponto de vista geral.

Para nós, uma questão de interesse e de técnica. É porque, tendo a nova autonomia nacional, nós entramos na Internacional Sindical Vermelha, onde defenderemos firmemente o princípio da autonomia internacional.

Um delegado. — E se formos derrotados? Monmousseau. — Se formos derrotados, voltaremos aos sindicatos.

Um delegado. — Depois de ter feito a adesão (Protestos e movimentos diversos).

Tutti. — Quando eu andava na escola, chamava-se a isso uma demonstração pelo absurdo, e em voz própria.

A autonomia, Monmousseau, é para o sindicalismo uma qualidade essencial, intrínseca, inseparável do próprio sindicalismo?

Monmousseau. — Nacionalmente, sim.

Tutti. — Camaradas, nacionalmente, sim!

Bem. O sindicalismo é como o indivíduo. O sindicalismo não é nacional; o sindicalismo não é internacional; o sindicalismo está acima da convenção nacional, e acima da convenção internacional. (Muito bem! Aplausos.)

Há coisas que não se pode fazer uma condição, de que não se pode fazer uma concessão.

Permiti-me, camaradas, contar-vos uma pequena história. Conta-se nos bancos da escola:

Um dia, levaram ao rei Salomão uma criança. Duas mães, com as lágrimas nos olhos, apresentaram-se ao rei, que era a sabedoria das nações. Cada uma reivindicava a propriedade da criança. O rei, na impossibilidade de reconhecer a quem pertencia a criança (ela não podia ter senão uma mãe), disse a um dos seus servidores: Agarra na espada, divide a criança em duas e dá uma parte a cada mãe. Então, a verdadeira mãe, rompendo em soluços, disse ao rei Salomão: Dá a criança inteira à outra mulher.

Como esta criança, há organizações de doutrina que não se podem separar dos seus elementos essenciais, sem causar a sua morte.

O sindicalismo, cuja autonomia é um carácter fundamental, reconhecido por nós mesmos, nacionalmente; quando passar as fronteiras delimitadas, mesmo pela última das guerras, deve conservar o seu carácter de autonomia integral. (Aplausos.)

Camaradas, prossigamos as nossas demonstrações.

Reconhecemos a autonomia internacional como no ponto de vista nacional, mas queremos, neste ponto, fazer representar a lei da maioria.

Por disciplina sindical, reconhecemos, momentaneamente, a autonomia internacional sindical.

Camaradas, a lei da maioria não representa em todos os domínios. Em Lille, pela lei da maioria, queria-se, contra vós, que sois aqui quase todos, o prolongamento da minoria de Lille, queria-se, contra vós, fazer representar a lei da maioria, para fazer-vos aceitar o programa do sindicalismo do interesse geral.

Vós respondistes: a lei da maioria não representa nada neste domínio. A lei da maioria não representa no domínio das ideias, no domínio que leva ao abandono do programa e da ideia. Tendes a juntar o domínio da acção, no domínio da administração sindical, sim, seremos disciplinados, mas jamais na ordem da orientação sindical. (Aplausos.)

Dudilleux. — Está muito bem.

Tutti. — A autonomia sindical constituindo um carácter essencial do sindicalismo, não há razão para que se faça representar nesta questão a lei da maioria.

Há coisas que não podem ser objecto de concessões. Há coisas que não podem dividir-se. Então, camaradas, quando a Internacional Sindical Vermelha pede, em nome da disciplina internacional, em nome do valor das outras centrais sindicais nacionais, de pela lei da maioria, o abandono, mesmo momentâneo, da autonomia sindical internacional, não tendes o direito de fazer-lhe essa concessão.

Vós dizeis a toda a hora que L. Z.ovsky não tinha o direito de abandonar o artigo 11.º sem consultar o congresso. E nós, não temos o direito de abandonar a autonomia do sindicalismo, sem consultar o próprio sindicalismo. E nós dizemos vós:

Em que é que a autonomia embaraça o jogo da Internacional Sindical? Quando as Centrais Sindicais, as Centrais Nacionais ligadas na I. S. V., não têm a autonomia internacional, aqueles que não são pela interpretação não têm compensação. Mas quando tendes a autonomia internacional, todos as Centrais têm compensação. Aqueles que são pela interpretação podem fazer-lhe o nome da sua autonomia, e aqueles que não são pela interpretação podem fazer-lhe o nome igualmente da sua autonomia. (Aplausos.)

Semard. — É o que nós temos dito, isto não é novo.

Tutti. — Eu vou à última manifestação. Fomos a Berlim e temos sido injustamente atacados na questão desta conferência.

(Continua)

### AS GREVES

#### Terminou o conflito do pessoal metalúrgico da casa Fiuzza

Finalizou ontem a greve do pessoal da oficina Fiuzza. Da «demarcação» ontem efectuada junto do respectivo industrial pela comissão do pessoal e o delegado do S. U. Metalúrgico resultou um aumento de 1 escudo para os oficiais e proporcionalmente aos ajudantes, e cinquenta centavos aos aprendizes.

Se bem que o aumento não fosse o necessário para enfrentar o crescente aumento do custo da vida, a vitória foi bem recebida, ao fim de quinze dias de greve, dada a relutância do industrial.

#### Pessoal metalúrgico da oficina José Maria Pires

Em consequência do industrial se manter na disposição de não readmitir os operários injustamente despedidos, o pessoal das duas oficinas continua firme na sua resolução de não retomar o trabalho, enquanto não seja feita justiça aos seus camaradas. O sindicato continua recomendando a todos os metalúrgicos que não devem trair a causa destes camaradas que são de todos. Os grevistas reúnem no Sindicato todos os dias às 18 horas.

### Mobiliários de Coimbra

Com a mesma energia com que iniciaram o movimento, continuam os operários mobiliários na sua luta, até conseguir a satisfação das suas reclamações.

Todos os dias se tem realizado assembleias onde tem sido apreciada a marcha do movimento e escalpelizada a atitude dos patrões.

Estranharam os patrões que os operários tivessem feito greve por causa do aumento do salário, pois estavam acostumados a que os operários se sujeitassem aos seus caprichos; mas como os operários mobiliários pela primeira vez fazem greve, que tem brilhantemente mantido, formaram um grupinho para não atenderem às reclamações que eles mesmo reputam justas.

Então se são justas porque não atendem as mesmas reclamações?

Não lhes serve de exemplo as «farronadas» dos industriais de Lisboa, os quais não querendo ouvir as verdadeiras preferências dos operários, só ao fim de 6 meses, quando já estavam semi-arruinados, cederam aos operários — não o salário de 10900, que era o reclamado, mas mais que a tabela, pois os salários já atingem 13000 e 14500?

Em Coimbra a prolongar-se o movimento sucederá o mesmo; os operários em grande número tem-se deslocado para oficinas que já dão o aumento; outros tem-se irradado para outras localidades, e assim se prevê, que os patrões que agora são tão rententes, amanhã se quiserem ter pessoal nas suas oficinas, terão que dar um salário superior ao agora reclamado.

Já passaram 7 dias de greve e na segunda-feira todos os grevistas reunidos no Sindicato pela manhã, demonstraram estar dispostos a continuarem a lutar sem desfalecimento.

Oxalá que os restantes industriais se não deixem ludibriar pelos do grupinho que só se prejudicando pretendem prejudicar os restantes.

Hoje, reúne a assembleia às 18 horas.

### Associação do Registo Civil

Reuniu a direcção desta colectividade tendo resolvido o seguinte: Louvar o nosso consócio Ernesto Rebelo de Castro Câmara Lemos pelos relevantes serviços que tem prestado à colectividade e ao jornal O Livro Pensamento; fazer a publicação de um manifesto que relate os trabalhos desta Associação e a falta de coadiunhação por parte dos últimos governos para a proficiência da sua obra humanitária e patriótica; nomear delegado no Barreiro, o seu dedicado consócio João Anacleto da Silva, que vai procurar reconstruir a escola daquela vila; preparar a festa escolar para a distribuição de lembranças aos alunos das suas escolas primárias, que as frequentaram durante o findo ano escolar com regular aproveitamento e frequência; abrir um inventário promovido pelos seus associados de Ilhavo a fim de conhecerem motivos que originaram os tumultos de Ilhavo, de que deram notícia alguns jornais, em delles tendenciosamente, e ser imputada a responsabilidade a quem deve; tratar dos maneios audaciosos dos clericais em Bemfica, que andam arrebanhando crianças para a igreja daquelle lugar, indo até busca-las à Amadora; aprovar 12 propostas para novos associados.

### Vida Sindical

#### COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil. — Secção Profissional dos Pedreiros. — Reúniu, tendo deliberado protestar contra os fiscais da câmara, que deixam construir obras a taipa, sendo provas exuberantes do seu criminoso desleixo o desmontamento dum obra do Campo Pequeno e a construção de outras para S. Mamede, cuja caixa de escada se está a enterrar pelo chão.

Secção Profissional dos Pintores. — Reúniu extraordinariamente, tendo apreciado a atitude de desleixo e cumplicidade criminosos dos fiscais da câmara, que apesar do trágico desabamento da Rua Correia Teles ainda continuam permitindo a construção de obras em más condições de segurança tanto para os que nelas trabalham como para os que vão habitá-las.

Foi resolvido salientar indignadamente o desabamento do prédio do Campo Pequeno, que estava prestes a receber inquilinos e que foi cair sobre outro, que já ameaça ruína.

S. U. Mobilário. — Reuniu ontem a assembleia geral. Entre o expediente figuravam saudações pela vitória alcançada, da U. S. O. de Lisboa, na do Congresso Marítimo. S. U. Mobilário do Porto, etc. Antes da ordem do dia outros assuntos foi apreciada uma proposta para a criação de Alvarc Duarte Cardozo, do Porto, (enjo) assembleia aprovada a resolução da comissão administrativa em não admitir, atento o seu procedimento no Porto, quando da greve dos estivadores.

Este indivíduo encheu a proposta porque veio para Lisboa aprender a manobrar.

Na ordem dos trabalhos foi apreciada a tese «Deficiências da Organização e aspirações máximas do proletariado».

### CONVOCAÇÕES

F. da Construção Civil. — Comissão administrativa. — Reúne hoje, às 20 horas, para tratar de assuntos de carácter indaivável.

Impressores Tipográficos. — Reúne hoje, às 20,30, a direcção para tratar dum assunto de grande importância.

Fragateiros de Lisboa. — Reúne hoje em assembleia geral, pelas 20 horas, para a nomeação do delegado ao Congresso Operário Nacional.

S. U. da Construção Civil. — Secção Profissional dos Pintores. — Reúniu, tendo aprovado novos sócios. Foi resolvido convocar uma assembleia geral para sexta-feira, às 20 horas, para tratar de assuntos urgentes.

Compositores Tipográficos. — Reúne hoje pelas 17,30 prefixas em assembleia geral, que foi convocada a requerimento de cinco sócios, e ao abrigo do artigo 13.º, parágrafo 2.º do Estatuto, para tratar das acumulações e outros assuntos de interesse para a classe.

Pessoal do Depósito Central de Fardamentos. — Reúne hoje a Assembleia Geral, pelas 17 e meia horas.

S. U. Mobilário. — Para tratar de assuntos urgentíssimos e de indaivável resolução reúne hoje às 20 horas todos os operários que desempenham cargos neste sindicato bem como aqueles que concordem com a orientação que este organismo tem seguido, incluindo os jovens.

Sindicato Ferroviário. — Este sindicato reúne ontem o pessoal de tração para ser restabelecida a unidade entre a classe ferroviária da C. P. e nomear delegados à Comissão de Melhoramentos. Hoje, reúne o pessoal de escritórios; amanhã reúne o pessoal de Vias e Obras; sexta-feira o pessoal de trens e revisor; sábado o do Movimento e na próxima segunda-feira o das oficinas, depósitos e reservas.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Construção Civil de Cascais. — Para tratar da regulamentação do horário e apreciar as teses que vão ser presentes aos próximos congressos nacionais de indústria e geral, reúne esta classe em assembleia geral hoje, pelas 18 horas, devendo assistir à mesma dois delegados da Federação.

Carreira achada

Ainda se encontra nesta redacção uma carteira contendo 1750 e alguns documentos sem que até hoje o seu dono tenha tomado conhecimento da notícia aqui publicada, pois ela deve certamente fazer-lhe falta.

### COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — às 20,30 e 22,30 — HOJE

A famosa e engraçada REVISTA

## PICA-PAU

Preços populares Geral \$60

TODAS AS NOITES

2 - SÊSSÕES - 2

### Mulher agredida bárbaramente

#### Consequências do vinho e da ignorância

Na loja n.º 3 da Travessa da Porta do Carro deu-se ontem de manhã mais uma cena de sangue da qual foram protagonistas um sergente da secção jurídica do Laboratório Central de Farmácia do Hospital de São José e a mulher deste, uma pobre criatura, que trabalhava como costureira, e que tendo usado há 15 anos, em Lagos, terra de ambos os pais naturais, vem passando muito tempo para Lisboa, onde tem passado uma vida de privações e de desgostos.

Na loja já citada residia com sua mulher Henriqueta do Carmo Santos, um filho de 13 anos, aprendiz de serrador, Renato dos Santos e com seus irmãos Genoveva de Jesus Santos e Mário Joaquim dos Santos, sapateiro, e servente do hospital de São José, Joaquim dos Santos, também conhecido por Joaquim Russo, o qual, tendo por hábito embriagar-se todos os dias, era por esse facto censurado repetidas vezes não só pelos seus superiores como também pela vizinhança.

Na travessa da Porta do Carro eram constantes as cenas provocadas pelo Russo, e das quais era sempre vítima a desgraçada mulher a quem ele espancava desalmadamente, havendo mesmo ocasiões em que o ebrio se dispunha, altas horas da noite, a expulsar sua mulher e seu filho de casa, sendo as vítimas sempre protegidas pela vizinhança que corria a socorrê-las.

A desgraçada mulher encontrava-se há tempos doente de cama e por isso não tendo vindo seu marido não se importava com o seu estado de saúde e levantou-se e conforme pôde dirigiu-se à policia na rua da Prata.

Após a consulta saiu e encaminhou-se para casa; mas ao passar na Travessa de S. Domingos encontrou-se com sua irmã e seu cunhado, que a convidaram a acompanhá-los até ao Campo Pequeno ao que ela acedeu, imediatamente.

De regresso dirigiram-se todos para a Travessa da Porta do Carro, onde se encontrava já o Joaquim, o qual, ao ver a Henriqueta, começou a dirigir-lhe palavras ofensivas e dispunha-se a agredi-la, o que não conseguiu devido à intervenção dos cunhados que o subjugaram com rapidez.

Ontem de manhã levantou-se muito cedo e saiu, dirigindo-se ao laboratório onde se reuniu dum lado e voltou de novo a casa, onde agrediu sua mulher e com tal violência o fez, que a lâmina partiu-se pelo meio.

Aos gritos de socorro acudiram as vizinhas que transportaram a infeliz ao banco do hospital de S. José, onde os cirurgiões de serviço drs. sr. Amândio Pinto e Sábino Pereira verificaram a existência de uma fratura do trócano pelo qual, depois de operada do trócano pelo referido cirurgião, recolheu em estado grave à enfermaria de Santa Joana. O agressor evadiu-se sendo capturado na rua de S. Lázaro, pelo que foi conduzido para o posto da Mouraria, tendo sido apreendida a arma. A vítima conta 30 anos, de idade, é filha de João Henriques Fagundes e de Maria da Purificação e o agressor é filho de Sebastião Fernandes e de Perpétua Antónia, tendo servido como soldado em infantaria n.º 2 onde teve o n.º 69.

«Seria lá que cultivou tais instintos?»

### Permuta de lugares

Foi autorizada a permuta de lugares entre as professoras Ana Rosa Monteiro, de Ferragudo, Lagoa e Ermelinda Monteiro, de Alcaria Ruita, Mertola.

### O II Congresso Marítimo Nacional

Saudações — Protesto contra o capitão do porto de Leixões — O «lock-out» dos industriais de construção naval do Porto e Gaia — Os menores na indústria marítima — Na 6.ª sessão aprova-se a tese: «Escolas e Bibliotecas nos sindicatos marítimos» — Com emendas é também aprovada na 7.ª sessão a tese: «As balsagens e dragagens dos rios e canais do porto de Lisboa» — Na 8.ª sessão, em que se discute a tese: «A Federação para com as Cooperativas», é combatido o espírito estreitamente egoísta das mesmas, quando põem, acima dos interesses de emancipação, as conveniências industriais e comerciais, e, em contraposição defendida a necessidade da criação de escolas, cantinas, etc.

Reaberta, de tarde a sessão, são lidas saudações da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio e de A. Vaz do Operário.

Alfredo Maria da Silva propõe para que sejam saudações os mobiliários de Lisboa pela sua vitória retributivamente alcançada. A proposta é aprovada por aclamação, saltando vivas aos mobilários da sua federação. E também aprovado um protesto contra o capitão do porto de Leixões por favorecer os agentes de navegação, concedendo-lhes autorização de fazer os transportes de passageiros, prejudicando assim a classe dos estraciros. Seguidamente o Congresso ocupa-se do «lock-out» de que são vítimas os condutores navais de Porto e Gaia, alivando o camarada José de Almeida para que o Congresso por intermédio dum comissão, procure, junto de quem de direito, solucionar o conflito. João Pedro Gonçalves, dos frigateiros de Lisboa, lembra para que a comissão seja composta de cinco membros, idêntica proposta fazendo João Ferreira, estivador daquela capital. A comissão fica assim composta: João Ferreira, Inácio Teixeira Bastos, João F. Santos, João Pedro Gonçalves e António Gonçalves Santos.

Passando-se à ordem dos trabalhos, continua em discussão a conclusão 1.ª referente aos menores, bem como o § único a adicionar-se-lhe. João Valente de Almeida propõe para que as cédulas não sejam passadas aos menores com menos de 14 anos e que não tenham o primeiro exame. Termina por serem aprovados o § único e a conclusão 1.ª referidos, ficando esta com a seguinte redacção definitiva: *que se reclame na capitania de todos os países para que não sejam passadas cédulas ou licenças marítimas aos menores, sem que estes tenham pelo menos 14 anos de idade e o primeiro exame.*

A segunda conclusão acerca dos manobras dos menores a bordo é largamente debatida, elucidando alguns congressistas as revoltantes barbaridades infligidas às desgraçadas crianças. Como se aludisse ao facto de que os moços são mais maltratados a bordo das fragatas, o delegado dos frigateiros de Lisboa alija as responsabilidades da sua classe, dando várias explicações demonstrativas de que tal regime inquisitorial já está quasi totalmente banido. A requisição do delegado dos carregadores, do Porto e Gaia, é dada a matéria por discutida, sendo aprovada a 2.ª conclusão com uma emenda de José Magalhães Carvalho, para que, quando se tenha qualquer conhecimento sobre maus tratos aos menores, seja primeiramente dada participação ao sindicato e não às capitães, que ficam em segundo lugar.

Por proposta de António Fernandes da Cruz, dos fluviários do Porto e Gaia, é acrescentado um terceiro número, assim redigido: *«que a Federação Marítima, auxilia da pelos sindicatos seus aderentes, desenvolva a máxima propaganda no sentido dos menores serem mais humanamente tratados nos serviços marítimos».*

6.ª sessão

É aprovada a tese «Instituição de escolas e bibliotecas nos sindicatos marítimos»

A sexta sessão é presidida por Artur Claro, dos estivadores, secretariado por Albino Ferreira, da administração do porto de Lisboa, e Manuel Madureira, dos marítimos da Foz. Aprovada, na generalidade, a tese Instituição de Escolas e Bibliotecas nos Sindicatos Marítimos, passa a ser discutida na especialidade. Falam alguns congressistas, entre eles Joaquim do Carmo, Artur Branco, Carvalho e Francisco da Cunha, que enunciam as vantagens das escolas e bibliotecas. As classes marítimas tem necessidade de se elevarem moralmente e intelectualmente, para se imporem à consideração de todos e melhor poderem atingir a sua emancipação económica e social. Essa elevação moral e intelectual vai buscar-se à educação e instrução saídas das bibliotecas e escolas. Depois de exteriorizado este critério, a tese é aprovada por unanimidade, dando-se entrada na

7.ª sessão

A tese «As balsagens e dragagens dos rios e canais do porto de Lisboa» sofre algumas alterações

Presidia Pedro Martins, dos marítimos e moços, que teve a secretariado Alfredo Moreira da Silva, dos inscriteiros marítimos, e Joaquim António de Oliveira, dos fogueiros de mar e terra.

Depois de verificado o procedimento de um delegado, por não comparecer a horas às sessões do Congresso, é lida e entra em discussão a tese As balsagens e dragagens dos rios e canais do porto de Lisboa.

António Fernandes da Cruz, dos fluviários do Porto e Gaia, propõe para que a reclamação a fazer aos poderes públicos, para a imediata balsagem e dragagem dos canais e rios do porto de Lisboa, seja extensiva a todo o país. Assim, a primeira proposta da tese fica elaborada da seguinte maneira: *que se reclame dos poderes públicos a imediata balsagem e dragagem dos rios e canais do país.* A seguir é aprovada a segunda proposta ficando a terceira com esta redacção: *dar-se conhecimento desta resolução por intermédio da Federação, não só aos proprietários que possuam embarcações, rebocadores, etc., como também a todas as entidades interessadas.*

8.ª sessão

Foi unanimemente aprovada a tese «A Federação para com as cooperativas»

Assume a presidência o delegado da Associação dos Marítimos de Sines, sen-

NOUVO

TEATRO MARIA VITÓRIA

— NO —

— às —

9 e 10 1/2

### Pró-U. S. O.

#### Pró-despesa do último movimento geral

Mais quantias recebidas: Transporte 249,50; Joaquim de Sousa, metalúrgico, 1800; António Caldeira, pintor, 1800; José Ribeiro, compositor, 1800; João de Carvalho, pedreiro, 1820; M. V.; 560; Marques Baptista, 1830; António Rocha Prista, 1800; Afonso dos Santos, (Abreantes), 1820; Gil Gonçalves, empregado de escritório, 1800; José de Azevedo, metalúrgico, 1800; José Augusto Machado, contabilista, 1800; Claudina da Cruz Martins, doméstica, 1800; Cláudio dos Santos, caixeiro viajante, 1800; José dos Santos Cadete, caixeiro, 1800; António Carlos Raposo, servente, 1800; José Pinheiro, empregado no comércio, 1800; António Magina, mecânico em madeira, 1800; José Marques, carpinteiro, 1800; Manoel Dias Marques, empregado no comércio, 1800; Carlos M. Coelho, caixeiro, 1800; Augusto Machado, pintor, 1800; José Nunes, telefonista, 1800; Bartolomeu Ribeiro da Costa, telefonista, 1800; João Pereira Cotovia, metalúrgico, 1800; Cesar Gonçalves Reis, marinheiro dos serviços marítimos do Arsenal de Marinha, 2500; José Lourenço dos Santos, marítimo, 1800; Manoel Ferreira, carpinteiro, 1800; José dos Santos, carpinteiro, 1800; António Pedro, pedreiro, 1800; Jerónimo de Sousa, pedreiro, 1800; José Joaquim Gonçalves Salgueiro, pintor, 2500; João Baptista Alves, pintor, 2500; Alberto Pereira, pedreiro, 1800; Melande, metalúrgico, 1800; Manuel de Sousa, maquinista fluviária, 2500; Bernardino de Oliveira, carpinteiro, 1800; M. S. Tinoco, servente, 1800; Epifânio Augusto da Silva, pintor, 1800; José Domingos, fidejouto, 1800; Joaquim Diamantino, pedreiro, 1800; Daniel Machado, pintor, 1800; José Antunes Diogo, pintor, 1800; Soma a transportar 3088,24.

#### Mesas de cozinha

Vendem-se duas em estado novo. R. dos Retrozeiros, 70, 3.º esq.

#### Teatro Salão Foz

As recitas de assinatura da Companhia Beatriz Almeida-Jayne Zenoglio vão de certo ocupar um lugar de destaque entre os mais brilhantes da época farnaval. Desde de ontem que no escritório do teatro Foz está aberta a assinatura para 7 recitas em que serão representados quatro originais portugueses e três traduções de consagrados autores.

A época inaugura a 20 do corrente com a farsa em três actos intitulada «Acidalia» de Dario de Nodemi.

Estão os escritórios da empresa aberta a assinatura.

## TEATRO SALÃO FOZ

Empresa ARTUR EMAUZ

TELEFONE 4354

### Companhia BEATRIZ D'ALMEIDA

Director artistico e gerente: JAYME ZENOGLIO

Está aberta a assinatura desde as 13 às 17 horas, até 18 do corrente, para 7 primeiras representações com as peças:

O FADO DO HILARIO, adaptação do escritor Lino Ferreira.

AS PENAS DOS PINTOS, adaptação de Pedro Bandeira, Guedes Vaz e Carlos Ferreira.

A RESSURREIÇÃO DE LAZARO, tragédia burlesca, adaptação liberrima de Silva Tavares.

O CARA UNHACA, original da parceria Bandeira, Vaz e Ferreira.

O LAGARTO DA PENHA, original de Luís d'Aquino, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues.

ACIDALIA, adaptação de Mário Duarte e Valério de Rajanto.

UM ORIGINAL, da parceria Rodrigues, Bermudes e Bastos.

ESTREIA — Quarta-feira, 20, com a primeira representação da farsa em três actos, ACIDALIA, de Dario Nodemi, em que reaparecem os artistas Beatriz d'Almeida e Alegria.

No escritório da Empresa, das 13 às 17, todos os dias

### Comboios rápidos entre Lisboa e Porto

Desde 25 do corrente até 7 de Outubro próximo futuro circularão diariamente os comboios rápidos entre Lisboa e Porto n.º 55, que parte de Lisboa às 17-20 e n.º 52 que parte do Porto às 8-04 e que actualmente se fazem apenas três vezes por semana.

Durante o período indicado efectuar-se-á também diariamente o comboio n.º 248 que dá ligação para Figueira da Foz, sendo suprimido o comboio n.º 246.

### Solidariedade

Pede-nos Joaquim Pedro, preso na enxovia n.º 1, do Limoeiro, para declarar ter recebido do encarregado do pessoal de empregada das obras do novo Manicómio de Lisboa, Joaquim dos Santos, vario tabaco e a quantia de 28\$15.

Igualmente fazemos a seu pedido a rectificação duma quantia que a tempo recebido, que foi de 23\$50 e não de 22\$50 como por lapso aqui foi dito.

### UMA BOA NOTICIA

#### FATOS BARATOS

Apesar da grande subida de preço das fazendas de lá para fatos e vestidos continuam a vendê-los por preços baixíssimos os fabricantes DONAS da Covilhã, porque as fabricam e vendem directamente ao publico, nos seus depósitos, à

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º (Esta cidade)

Manda amostras ao domicilio

### Trigo exótico

Por intermédio da Manutenção Militar realiza-se no próximo dia 18 nas condições dos anteriores um concurso para aquisição de trigo exótico.

### Funerais

Realizou-se ontem o funeral do operário metalúrgico sindicalizado José Antunes Bicho, tendo-se nele incorporado todo o pessoal da casa Parry & Sons, das oficinas de Lisboa e inúmeros operários do estaleiro e oficinas da Outra-Banda. A beira da sepultura usaram da palavra, enaltecendo as qualidades do extinto, o encarregado da oficina de Lisboa, o ex-militante metalúrgico José da Costa e o delegado do S. U. Metalúrgico.

### Os que morrem

Realizou-se ontem o funeral do operário metalúrgico sindicalizado José Antunes Bicho, tendo-se nele incorporado todo o pessoal da casa Parry & Sons, das oficinas de Lisboa e inúmeros operários do estaleiro e oficinas da Outra-Banda. A beira da sepultura usaram da palavra, enaltecendo as qualidades do extinto, o encarregado da oficina de Lisboa, o ex-militante metalúrgico José da Costa e o delegado do S. U. Metalúrgico.

### 7.ª sessão

A primeira e segunda resoluções desta tese são aprovadas quasi sem discussão. A terceira conclusão, que nega o seu auxílio e estimula as cooperativas que saiam fora dos princípios igualitários e desenvolvam e propague o egoísmo dos seus componentes, dá margem a discussão entre José Magalhães Carvalho, Salvador Gomes Lamego, relator, José de Almeida, Artur da Silva Branco, Joaquim Maria da Silva, Júlio da Anunciação e Artur Claro, pondo-se em evidência o estreito espírito de ganância de algumas cooperativas que, como qualquer burgues, procuram lucros para alargar os dividendos, aculando a gula interesseira dos seus associados e desviando-se dos verdadeiros fins para que foram criadas. Em compensação, põe-se em relevo os belos exemplos de outra cooperativa, como a dos catraeiros do porto de Lisboa, cuja função, além de dispensar o intermédio e arrancar, em benefício dos produtores e da sua educação, a em não parecer que injustamente era arreçada por aqueles, é servir ainda para empregar e camaras de outras indústrias que ne seguidos pelos patrões ou pela polícia, tentam que emigrar para regiões politizadas para se alimentar e aos seus, detinendo-se os seus capitais, não a dividendos anuais, mas a criação de escolas, cantinas, etc., para debelarem o analfabetismo e aconchegarem os esmagados das miseráveis crianças que por aí pululam abandonadas. Fumam altruísta e não egoísta, mais baseada em moral do que estrabada em ganância material. A tese foi unanimemente aprovada.

(Do nosso enviado especial)







